



## OUREM—Porta de Santarem

(Phot. de A. Mendes dos Santos)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Vêr na pagina immediata*

Numero avulso 60 reis

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Portugal e colonias (1 anno)	2\$400	Estrangeiro (1 anno) . . . .	3\$000
« » (6 mezes)	1\$200	» (6 mezes) . . . .	1\$500
» » (3 mezes)	600	Numero avulso . . . .	60

*A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas*

# Frigideiras e Restaurante

## Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto

**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n'este genero



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 18 de setembro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 116—Anno III



**Eminentissimo Cardeal Serafim Vannutelli**

[Cardeal Bispo de Ostia, do Porto e Santa Rufina, decano  
do Sacro Collegio, recentemente fallecido

(Phot. Felici.)

# Chronica da Semana

## SEM PENSAR...

O LEITOR concêbe lá o que seja viver o verão na cidade, depois de dois annos de canceiras!

E o leitor lê este desafogo de escravo e recorda a phrase do Eurico:—\*Sabes tu, Hermengarda, o que é passar dez annos amarrado ao proprio cadaver!\*, e no fim, conscienciosamente confessa: não sei...

N'esta altura eu pintaria com as negras côres do mais frio scepticismo os cafés desertos, os electricos vasios, os *cinemas* sem senhoras, as musicas sem ouvintes nos jardins, o tédio infinito dos cocheiros de praça sem freguezes, os bocejos hiantes dos caixeiros de lojas de modas sem clientes, e no meio d'isto tudo,—que horror!— eu a contar ao leitor o que se passou durante a semana, que se resumiria n'uma só palavra profunda e desoladora: nada!

Desde já declaro que mentiria redondamente se o fizesse. A cidade não apresenta modificação n'este tempo do anno quinto da Republica. D'onde a onde, pergunta-se por um fulano e vem-se a saber vagamente que foi para banhos. Não sei se aquelle artigo do snr. Brito Camacho annunciando um *déficit* de 50:000 contos será a causa explicativa do phenomeno; ou se a proximidade da Foz tornará o caso inteiramente comprehensivel. O que tenho como verdade positiva é que a cidade não mudou de aspecto.

—Praia?! Ai, meu caro, o negocio precisa de quem o guie, agora mais do que nunca!—dizia-me hontem um excellente homem que explora a mercearia.

—Banhos?! Ai, meu amigo, este anno fico-me com os do casamento! bradava-me o meu livreiro.

—Descansar? Mas tu não vês que não faço outra coisa durante o anno! explicava-me rudemente um rapaz a quem ha pérto de cinco annos o pae, depois de adherir á Republica, procura debalde um modo de vida.

De maneira que a cidade não se alterou, e a toda a hora me chega aos ouvidos que o snr. Leoffe do Rêgo vae fazer outra revolução, coisa menos sensacional que a publicação da chegada de um verzejador qualquer que vae escrever um livro em gallêgo; que nós vamos mobilisar no inverno, para desentorpecer os braços; e como remate, que

o snr. Bernardino Machado não chegará a tomar posse do logar de presidente do regime...

Junte o leitor a estes signaes, uma leitura das gazêtas, e verá que o *Mundo* continúa a sêr o que é, e que verão e inverno, na cidade, este anno, é a mesma coisa.

No entanto, fui levado pela curiosidade, uma d'estas manhãs até á Foz, aquella Foz onde Ramalho Ortigão, ha muitissimos annos encontrou uma tabolêta com estes picaros dizêres:

*Aqui se alugo vurras para passeio e para leitês com albarda e com selim de homem e de senhora*

E' claro que a Foz já não tem d'estas tabolêtas. Por debaixo de uma, muito mais correctamente escripta, passei eu até á sombra de um tolde onde brincavam duas meninas o innocente jogo de atirar areia aos frequentadores da praia, com grande gaudio de duas senhoras, provavelmente mããs, que se divertiam com o mau humor das victimas. Levantei vôo, como se diz em estylo de gaivota, d'alli para outro tolde. Oh! céos! um grande ajuntamento... Approximei-me. Um ajuntamento n'uma rua, no geral, é signal de pancada ou de que o electrico derrubou alguma sardinheira de afiada lingua. Aquelle traduzia um pouco d'esses dois: uma discussão politica, exercicio de lingua que se resolve a murro. E assim foi: mal me approximei, um cidadão, alto, de face rubra e chamejante olhar, agitava um numero do *Mundo* onde pude lêr o titulo attrahente: *Os bandidos monarchicos!*, contra um outro individuo, mais franzino que n'essa altura esganiçava: \*O Affonso Costa (vossas excellencias dão-me licença de eu reproduzir a phrase?... ) é um ladrão!» Ao ouvir tal, fugi. A policia veio pouco depois e a *Montanha* publicou um *suelto* sobre o infausto quadro.

—Para outro tolde! disse commigo, cheio de paciencia. E este, sim, este era um tolde de praia. Anotei na carteira trez namoros, um velho a lêr o *Século*, e entre outros varios aspectos do pequenino mundo que o tolde cobria uma menina pallida a lêr a *Fecundidade* do Zoia.

Com o que, devo confessar ao leitor, fiquei elucidado acêrca de uma recente estatistica em que o snr. Sousa Junior affirma que o numero de nascimentos augmenta com o simples facto de Portugal sêr républica em que meninas pallidas leem livros d'aquelles...

*Le monde marche!*

F. V.

# VIDA INTENSA

## O mar

**T**ODOS os annos ao primeiro rebate do sol veraneiro faço a minha visita ao mar e todos os annos, o mar tem para mim novos encantos. Cada hora, que passo na sua companhia, é sempre uma hora nova, commovida, interessada, d'aspectos, d'encantos, de surpresas. E' sempre novo, é sempre original! . . . Nenhuma onda se desembrulha da mesma maneira e é sempre de surpresa, sempre inedito o seu eterno soluçar. Porque o mar conhece apenas a linguagem commovida da dôr, o vocabulario estentorico do desespero. Chora, chora, eterna magua, dôr eterna,—atravez d'annos e seculos, o mesmo rythmo, o mesmo mysterio. A renda da sua espuma é sempre original, differente, complicada, espraçando-se pela areia varrida de sol, em irregulares combinações, indecifráveis como signos—a fôrma graphica, talvez, d'algum extra-



POVOA DE VARZIM—*Banhistas bracarenses*

(Phot. Belleza)

nho e perdido idioma, de gigantes olympicos e desesperados. E' sempre novo o mar! E' um pouco como o coração das mulheres. . . São todas eguaes e são todas horrivelmente differentes! Parecem-se todas e nenhuma se parece.

E' assim, talvez, que cada momento, que a alma já batida dos invernos da vida, se propõe a vaidade de as conhecer menos as conhece. São mulheres e apenas n'isso e só por isso, são eguaes. O mar é afinal assim. Todos os mares se parecem e nenhum se assemelha! . . . E' a côr, é a bravura, é o arfar . . . é sempre qualquer coisa d'inedito, de particular, que os distingue. E é tão original nos seus aspectos como nas suas caricias. A graça, a leveza, como elle orvalha d'espuma a vella latina dos lanchões e o orgulho indomito, o rancor fero e bravo, com que açoita o costado provocante dos trasatlanticos brutaes! Nenhuma das fragosas penedias da costa, se sentiu jámais beijada da mesma maneira. E' original e falso . . .



Tem tramas traiçoeiras de Goliardo;—hoje ,manso, pacifico, a juba espraiando-se leve ao sabor do vento, tranquillo, enternecido, a beijar a costa e a emballar os barcos, amanhã, feroz, agitado, revolvendo-se em ancia, em furia, enovelado, brutal, destruindo, aniquillando, n'uma explosão cyclopica de furia...

Mas eu com todos os seus defeitos, com todas as suas qualidades, adoro esse mar incomprehensivel, essas ondas enoveladas cachoando nas pedras, murmurando ternura pelas praias adormecidas, adoro-o, porque esse immenso e titanico coração vasado d'uma dôr incomprehensivel, ancedo d'um insatisfeito e eterno desejo de posse, é como o coração do homem, cheio d'ancia e d'esperança, de chimera e de desalento, a caminhar para o fim, com as mesmas tempestades, as mesmas coleras, os mesmos desesperos — Um, tendo a voz estentorica das tempestades para se impor; outro de posse apenas, da linguagem commovida das lagrimas para se exprimir... mas no fundo eguaes e eguaes até nas lagrimas que no coração do homem se crystalisam em amargura e no seio immenso do mar se condensam em perolas...

E só n'isso é mais feliz!..

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



## Echos que morrem



**V**EM ahi Outubro, vae findar a epoca das praias, chegou... o outomno, já um tenue fremito de maguada e friorenta tristeza percorre a terra despojada do oiro das searas e das tintas frescas das uvas.

E' o preludio das invernias bravas, dos moles neveiros, toucando as serras laceradas e barbaras que as aguas arregoam em cobras es-

pumanles e as neves corôam em poalhos brancos, da brancura dos mares que ahi por janeiro cahiam a desolação polar das paisagens.

E' o outomno que passa no seu lutuoso e funebre cortejo de agonias, desnudando as arvores amarelecidas a emergir da nevoa e lavadas pela luz incerta e suavemente triste d'es-

tas manhãs perladas de agua, e macias de sol, com trilos de coltovias a acordar os lavradores e perdizes cantando, timidamente nas encostas semeadas de castanheiros, entre a cabelleira hirsuta do matto de tons verde-negros e o silencio carinhoso das ribeiras.

No progressivo e brando declinar dos dias, sente-se o languido quebranto da natureza em pasmos de enervada e sofredora melancolia, mergulhada a terra inteira n'um deliquio de penumbrosa e scismadora tristeza.

A vida exuberante que floriu n'uma orchastração magnifica de sons e aromas, como que se dilue na magua dos crepusculos e se cõa á alma inquieta dos que vão mundo em fóra desfolhando as

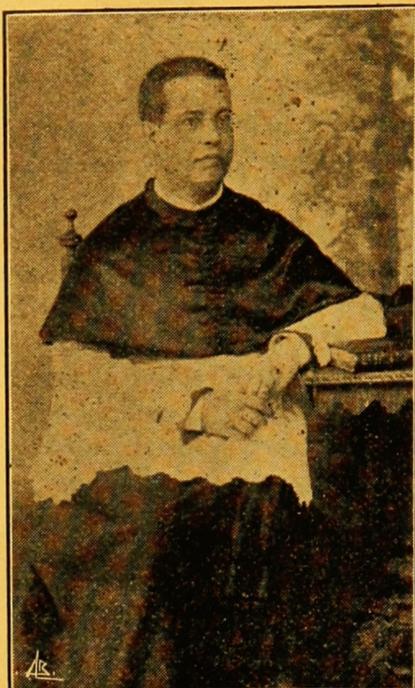
petalas das suas illusões, n'um trilho de eriçados e penetrantes abrolhos.

Estação de poesia e de sonho, tornou-se a inspiradora de muitas obras de arte que em vôos largos de comovida interpretação, assigalam o dolorido poema das coisas, — folhas que cahem, ventos que zimbram desesperadamente as arvores de troncos velhos e encarvoados, sons que morrem ciciantes na desolada agonia da fraga dura e hostile, aguarellas de esmerada cõr a que serve de fundo o perfil das oliveiras que a neblina esfumilha a distancia, na saudade dos poentes irisados.

Vindimas! Outomno! Morrem no ar sereno os ultimos aromas, ouve-se um fremito de azas riscando o poente em braza.

Longe, ha murmurios de adeuses...

JOÃO DE CASTRO.



*Antonio Maria Ferreira,*

conego capitular de Angra do Heroismo, fallecido santamente em 3 de maio de 1915

# O Ex.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo Primaz em Chaves

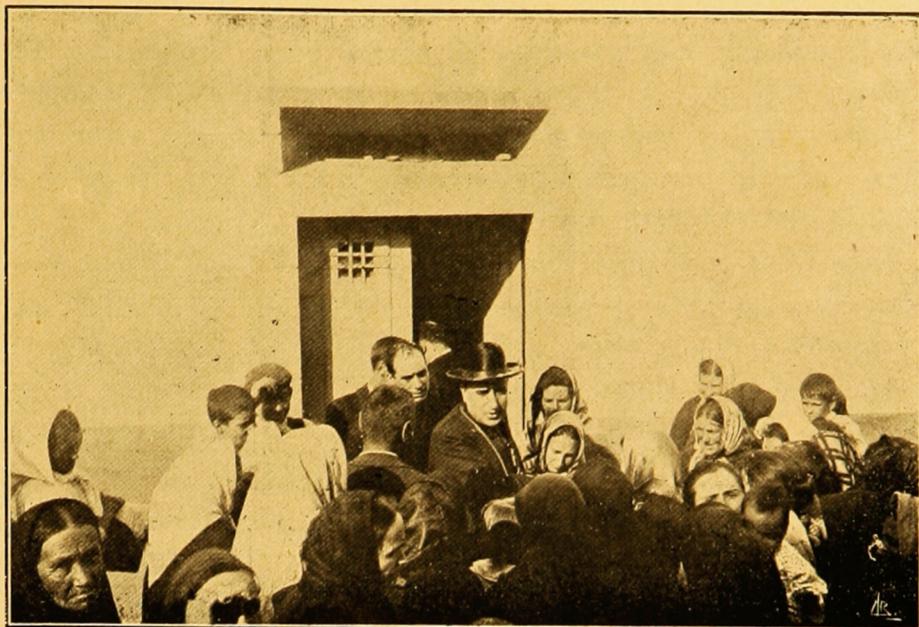


S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> momentos antes de abençoar os fieis na capella-mór da igreja matriz

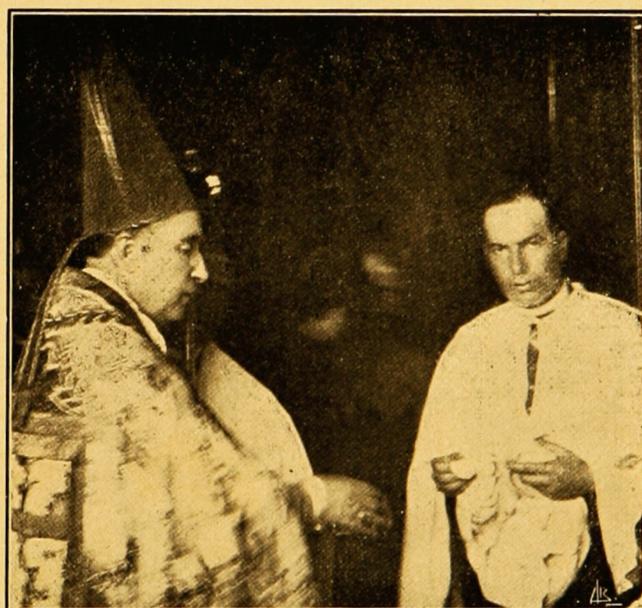
Durante tres dias esteve em Chaves o venerando prelado da diocese de Braga, Primaz das Hespanhas.

Desde tempos immemoriaes que aqui não tinha apparecido um vulto de semelhante destaque moral, e com os mesmos fins que aqui trouxeram o dito prelado. Esta terra gloriou-se, pois, de ter acolhido em seu seio essa veneranda figura, repositorio feracissimo de bondade, ingente sacrario de virtudes, mensageiro immaculado da religião catholica.

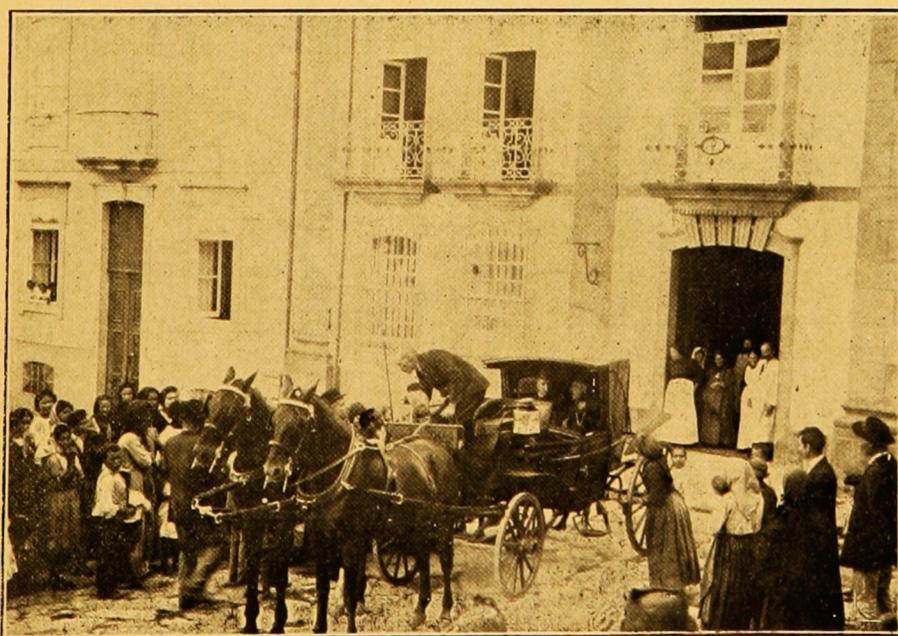
Ainda bem que todos souberam tributar-lhe a homenagem a que tinha direito, pelo seu incalculavel merito, affluindo lá dos confins do



O Snr. Arcebispo sahindo da igreja das Freiras



Na igreja matriz antes de ministrar o Sacramento do Chrisma



De visita á igreja da Misericordia

(Phots. Alves)

districto, milhares e milhares de fieis que possuidos d'uma unção beatifica, aqui vieram beber, no sacramento da Confirmação, o energico fortalecedor das suas crenças, aspirar o balsamo vivificador da sua fé.

Como Sua Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> muito bem disse n'uma das suas allocuções sagradas, o unico proposito que o atrahia a esta terra, consistia na purificação das almas que d'elle se achegassem. E' na verdade, uma missão altamente santa e nobre, essa que se propõe levar a termo o illustre

# Collegio de Ermezinde

Apresentamos hoje, na *Illustração Catholica*, tres photographias allusivas a este importantissimo estabelecimento de educação e ensino.

A frequência de alumnos com que encerrou o Collegio de Ermezinde no anno transacto, vê-se claramente da photographia.

As outras duas photographias das paginas em que escrevemos estas singelas palavras mostram em esbôço, o método de ensino preferido pelo Collegio.

E' praticamente que os alumnos são instruidos, revelando-se n'isto um avanço consideravel relativamente ao rotinismo impenitente que se observa com tristeza em quasi todos os institutos de ensino, tanto publicos como particulares.

Hoje ha apenas um methodo accetavel de ensino—o que se baseia nas experiencias e nas lições de cousas.

A erudição livresca cria pedantes letrados sem lhes fazer comprehender o valor *vital* dos conhecimentos...

E' um intellectualismo ôco em que se embalam as gerações novas, sempre alheadas das realidades!

Bem haja o *Collegio de Ermezinde* que procura, sobre tudo e mais que tudo, preparar os seus alumnos para as luctas da vida.

E' um erro crasso e funesto, em que se tem vivido e continua a viver-se, habilitar rapazes tão simplesmente para exames que são uma

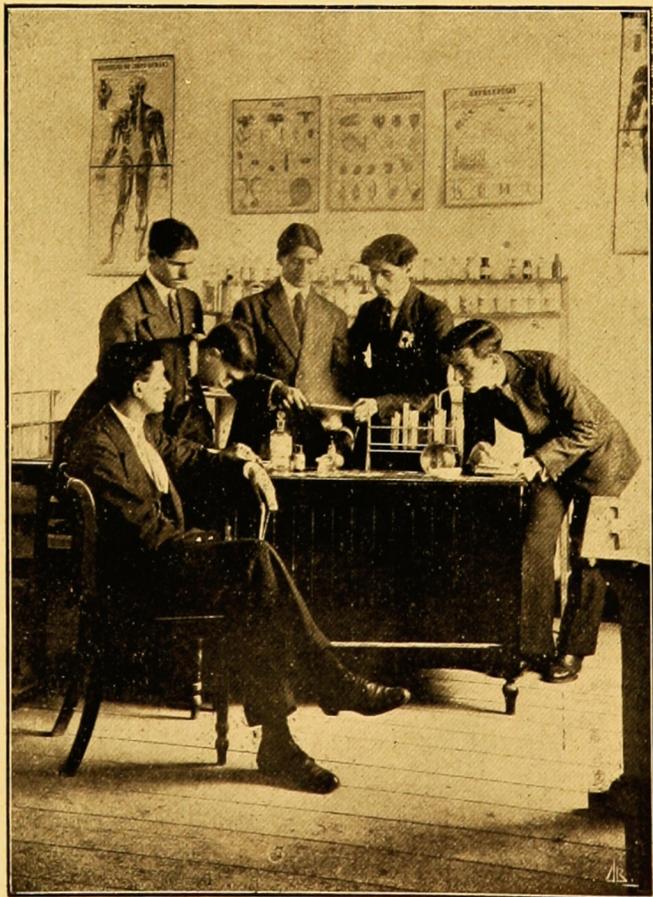
prova bem falivel da competencia e saber dos alumnos, embora unica na organização official da instrucção!

O que valem respostas promptas e listas mnemônicas de nomes, se a intelligencia e a vontade não chegam a apoderar-se do seu objecto para o vê e o amar?!

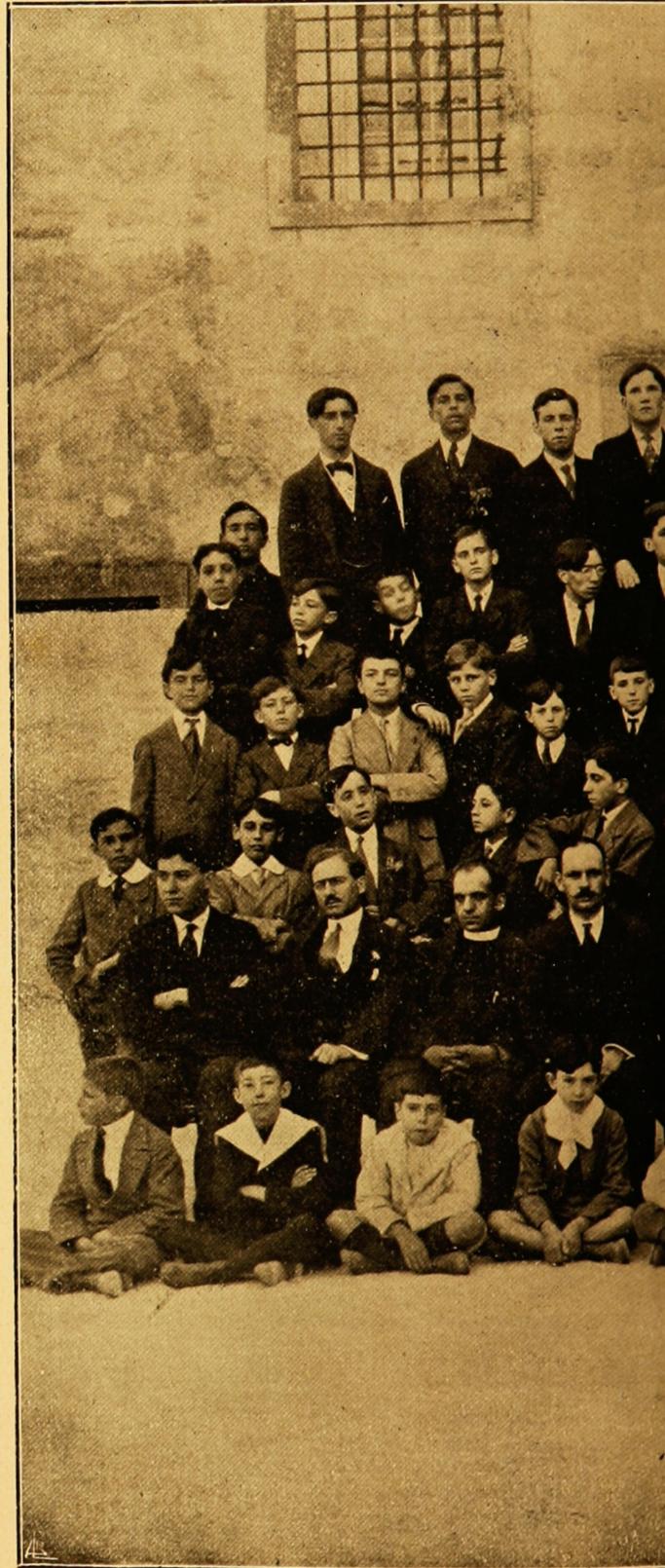
O *Collegio de Ermezinde* não deve recear, pois, o futuro, que lhe ha-de dar razão agradecendo-lhe o serviço altissimo que está a prestar á educação da juventude portugueza.

Não temos duvida em considera-lo modelar sob todos os pontos de vista tanto da hygiene, como da instrucção, como da educação.

A sua situação no lindo e desafogado ca-



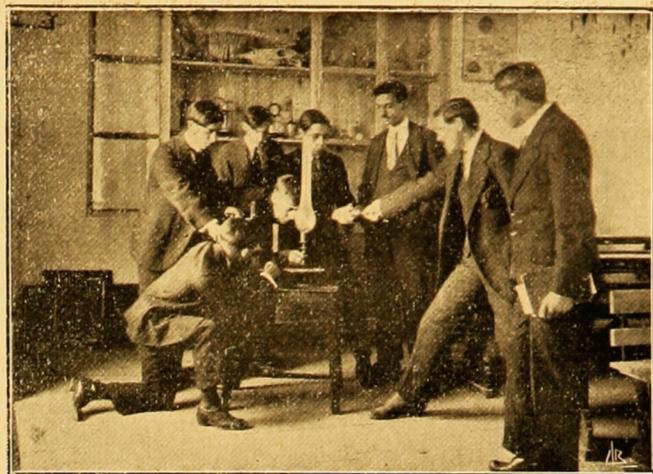
Gravando no vidro



beço da Formiga, nos arrabaldes do Porto, em Ermezinde, por si basta para o considerarmos possuidor das melhores condições hygienicas.

A sua direcção confiada aos nossos bons e illustres amigos Revd.<sup>mos</sup> Snrs. Padre Manuel Moreira da Silva Pontes, Dr. Gaspar A. Pinto da Silva e Dr. A. de Castro Meirelles, está em mãos habilissimas para guiar as almas novas ao ideal do triumpho e do successo.

E' por isso que recommendamos a todas as familias catholicas este acreditado collegio, desejando á sua Ex.<sup>ma</sup> Direcção as maximas prosperidades.



*Experiencias pneumaticas*



*Grupo geral de alumnos ao Collegio de Ermezinde—1914-1915*

# Virgem da Tristeza

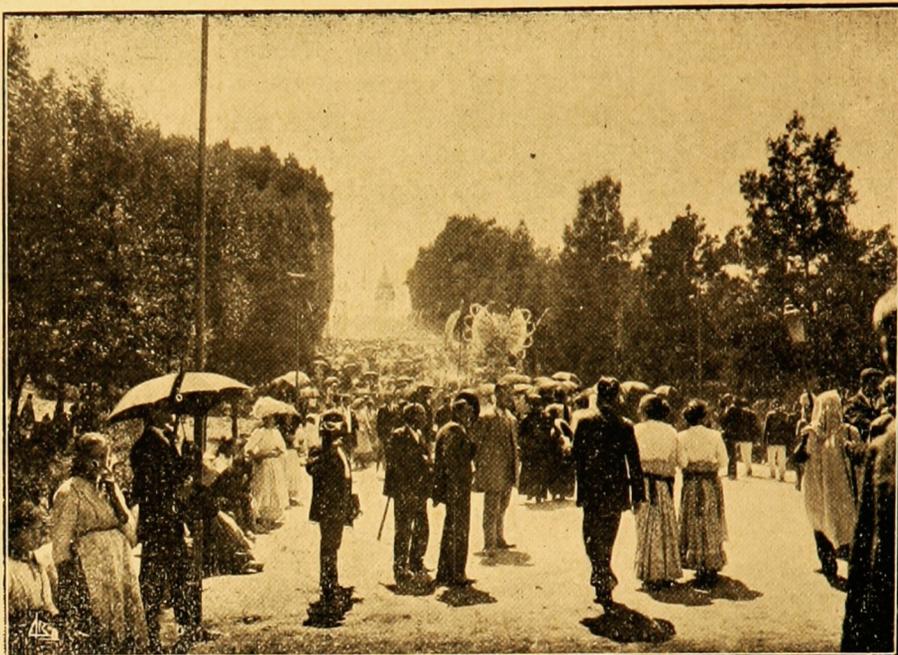
## Festa de N. Senhora da Saúde nos Carvalhos

(Virgem de hoje)



OH! Virgem que és a minha, oh! Mãe que és a nossa!..

Percorrendo ha tempos terras alemtejanas, n'uma ermida abandonada deparei com uma Virgem, estatua triste e só na nudez d'aquellas paredes, verdes de musgos, no isolamento d'aquelle altar sepulchral, uma Virgem chorando, muda na sua dôr, a face expressiva de magua infinda, os olhos marejando lagrimas, aos pés uma inscrição: «Nossa Senhora da Tristeza».

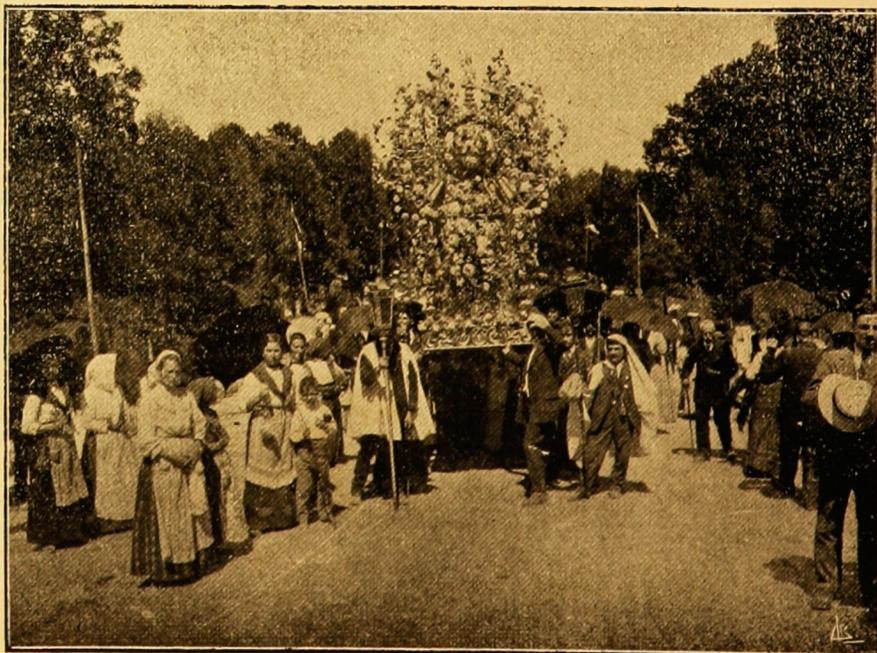


vez para não mais voltarem, sem um symbolo de Fé, sem o nome do Deus dos exercitos e sem um padre que os conforte e os absolva nas agonias das batalhas; esses filhos dos que d'antes levavam a sua imagem santa por emblema synthetizando alli a alma Patria, filhos esses dos soldados de Nun'Alvares, que espada em mão, escapulario ao peito, batendo-se como leões, respondiam ao: *Verbum caro factum est*, invocação do Condestavel passando por entre as fileiras dos combatentes?

- 1—Um aspecto da procissão.
- 2—Andor da Senhora da Saude.
- 3—Andor do Menino Jesus.

O artista que a esculpiu no seculo XV transpô-la á nossa epocha! E' ella a Virgem Padroeira que hoje chora conosco o nosso velho Portugal.

A Virgem da Tristeza!... Seria ella inspirada apoz Alcacer-Kibir?... Ou seria ella que se recorda ainda vêr vir a seus pés, na ermida d'Assumar, descalços e penitentes, os soldados do Condestavel, em acção de graças por victorias sobre os castelhanos?... Será Ella a Virgem que chorava com o Condestavel prostrado em extasi, na brecha d'um rochedo, n'essa longa agonia de Valverde?... Será Ella a Virgem que chora a vêr esses soldados, filhos dos tempos idos, partirem para longinquas terras tal-



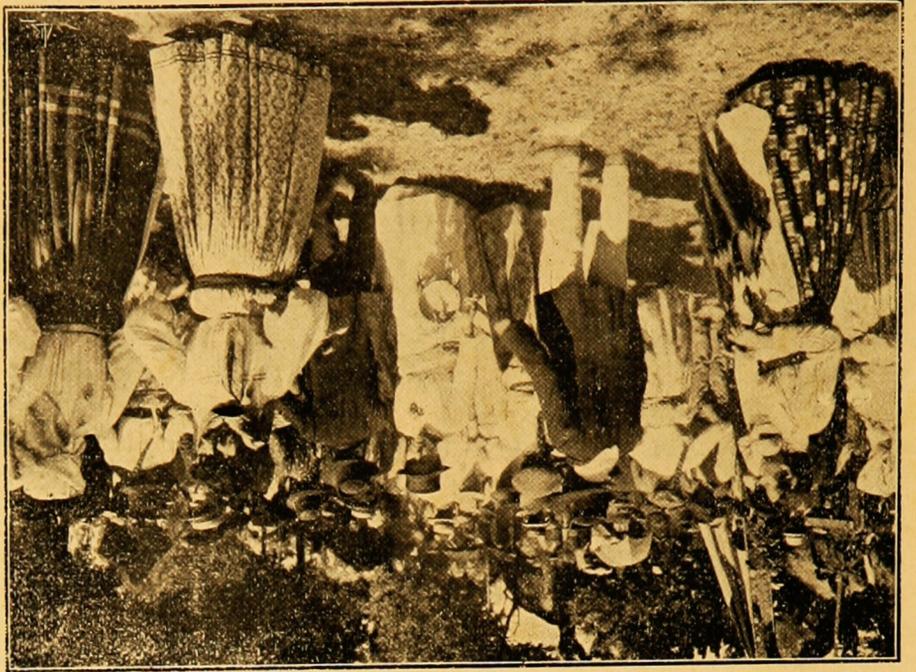


(Phts. de J. Azevedo)

4—Romeiros dançando.  
2—O palio com o Santo Lenho.  
procissão.

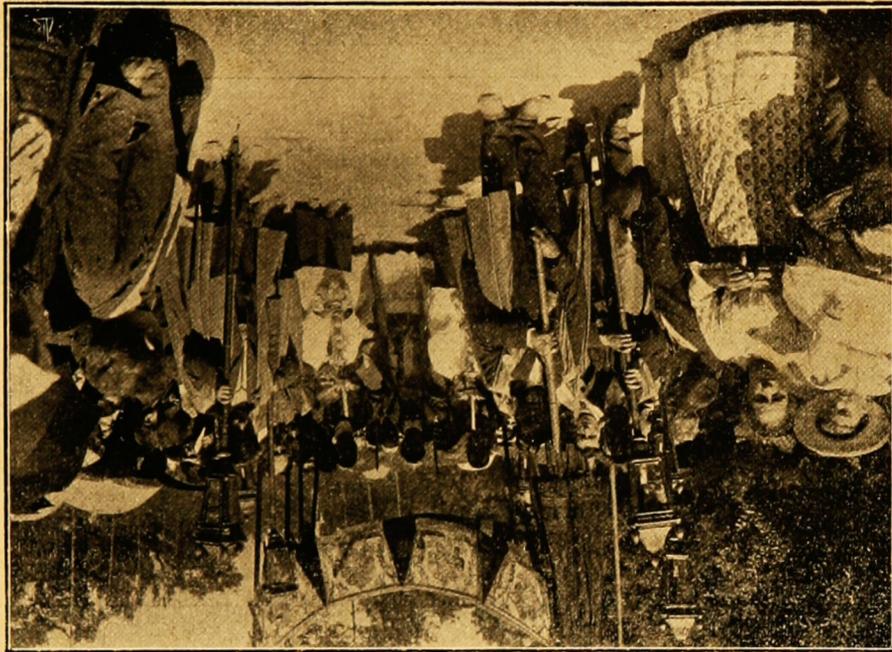
1—O povo assistindo à passagem da

gem que chora sobre esses ber-  
ços sem cruz, sobre essas cam-  
pas sem Ella, sobre esses leitos  
de Dôr dos Hospitales d'onde ti-  
rarão a doce imagem do seu  
crucificado, symbolo da Fé e da  
Dôr, da Esperança e da Justiça.  
E' Ella a Virgem que chora as  
Ave Marias, hora em que os si-  
nos emmudecerão, hora a que  
meio Portugal se descobria a  
frente para a saudar, desde o ma-  
rinheiro que joelho em terra, na  
prôa do navio, virado ao poente  
sol invocava a *Stella Maris* até  
ao lavrador que indo e vindo da  
sua monotonata tarefa, enchada ao

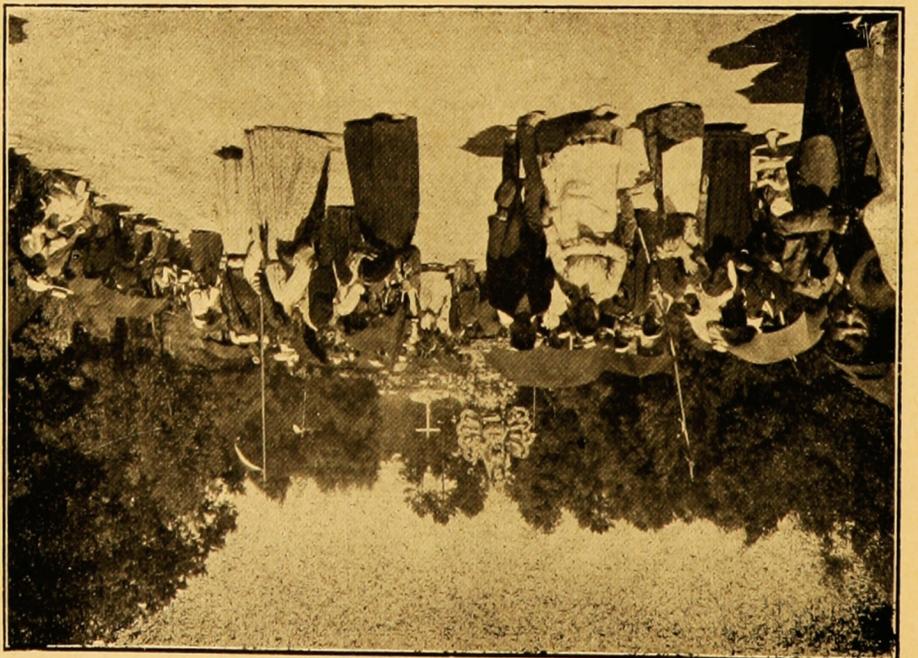


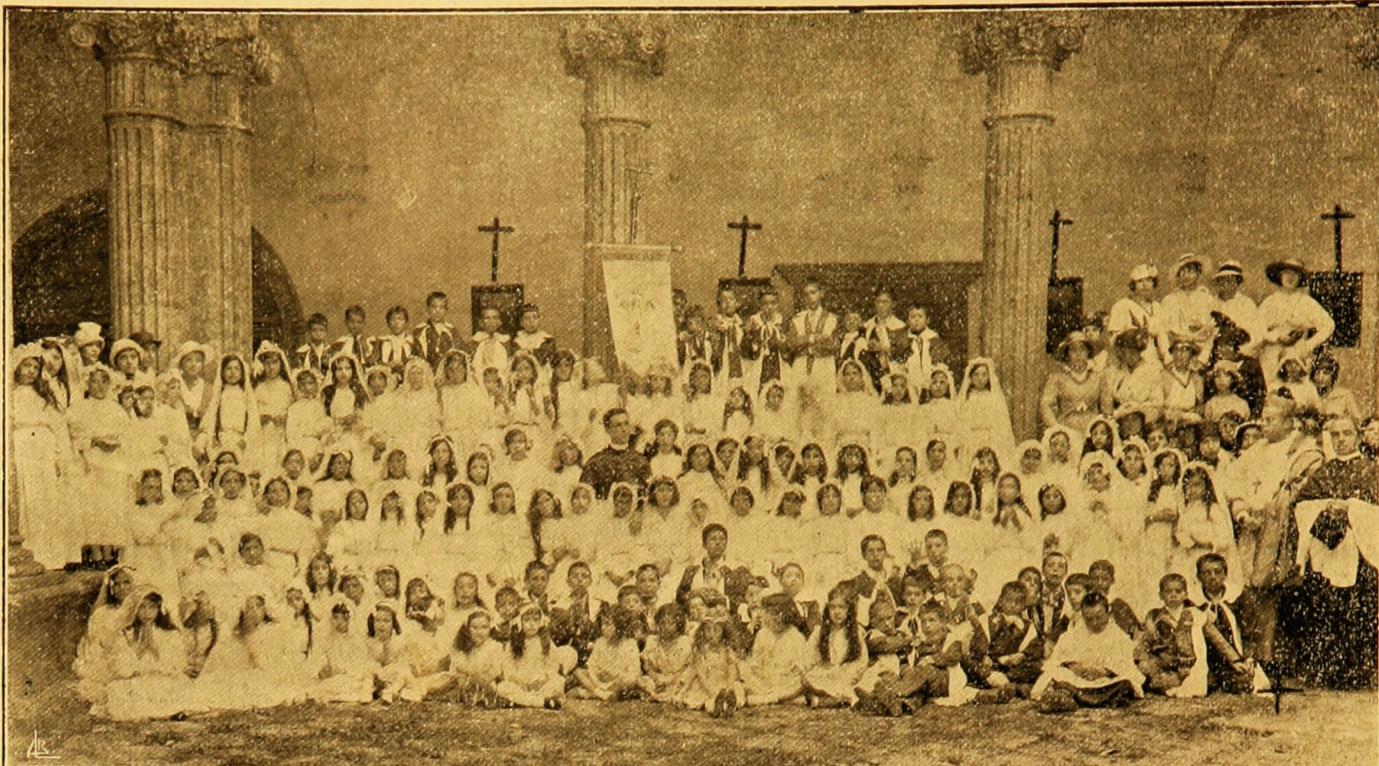
F' Ella a Virgem que chora  
à porta do cemiterio do Repou-  
so, esperando o regresso da ima-  
gem do seu Filho derrubado por  
mãos de verdugos: Ella a Vir-  
gem que chora sobre as igrejas  
violadas, vendo o Deus que Tar-  
ciso salvou no seu peito buscar  
do assim a morte e a coroa do  
martyrio profanado em sagradas  
particulas pelo chão, no saque  
das igrejas as suas imagens trun-  
cadas, mutiladas, cuspidas pela  
multidão, os seus templos incen-  
diados: por esses montes e ca-  
minhos, cruces sem conta, sym-

Essa Virgem, que chora ven-  
do as mãos dos seus filhos, que  
out'ora empunhavam armas de  
gloria e de honra, armados em  
assassinos.



bolos de Amor e de Fé, arraza-  
das por iconoclastas, é Ella a  
Virgem que chora, por ver do  
coração das creancinhas riscado  
o nome do seu Filho amado que  
dizia: «Deixae vir a mim os pe-  
queninos» e vê-los hoje desfilarem  
em cortejos impios onde em vez  
d'entoarem canticos à Virgem  
*Regina Angelorum*, e ostentarem  
os auriflammadas da *Ave Maria*,  
carregam em mãos inconscientes  
e irresponsaveis o pezo d'um lem-  
ma de blasphemia: «Sem Deus  
e sem religião.»  
F' Ella a Virgem que chora  
sobre esses conventos despoava-  
dos, asylos profanados da virtu-  
de, ninhos de paz abandonados  
de legiões exiladas: é Ella a Vir-





VIZEU—Crianças da primeira comunhão. Ao lado direito encontra-se o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio, Bispo de Vizeu. Ao centro, O rev. parcho da freguezia occidental

hombro, chapéu na mão, saudava a risonha *Stella Matutina*.

E' Ella essa Virgem que chora, á qual o penitenciaro, n'uma hora d'arrependimento e salvação apelava do fundo da sua alma, com o olhar criminoso encoberto pelo seu capuz, fitando-a constricto e penitente na sua capella das Dôres; é Ella a Virgem que chora as miserias do seu povo e o sangue innocente, é a alma gêmea da lacrimosa Virgem da Salette, cho-

rando sobre essa grande mágua que paira na alma nacional, para apaziguar com a sua Dôr e as suas lagrimas a colera do seu Filho Amado, o Deus que castiga mas que tambem perdôa, é Ella que commove o coração divino, que sustem esse braço justiceiro e vingadôr para que nos não castigue com essa Justiça e nos absolva com a sua misericordia.

E' Ella a Virgem das Tristezas, da terra da Saudade que chora sobre essas glorias passadas, Campo d'Ourique, Salado, Valverde, Aljubarrota, Tolosa, é o veu negro da Virgem triste d'Alcacer-Kibir que paira ainda sobre nós... mas... tristezas d'então eram desditas e infortunios, revezes da gloria, mas nunca deshonra nem impiedade!

Nossa Senhora da Tristeza, padroeira de Portugal, chora, chora que o Portugal d'então não morreu... só adormeceu e... enquanto houver portuguezes... o vosso nome só o puderá ressuscitar.

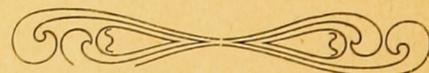
Braga, 10—7—915.

ALMAFALLA.



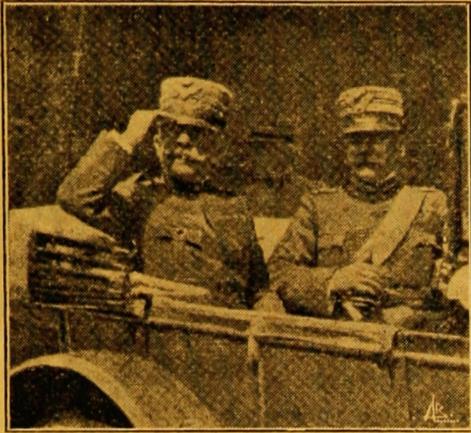
Primeira comunhão das creanças. Grupo de Filhas de Maria que entoaram hymnos religiosos durante a cerimonia. Ao centro o snr. padre Antonio Barreiros, director

(Phots. Alipio da T. Vicente)

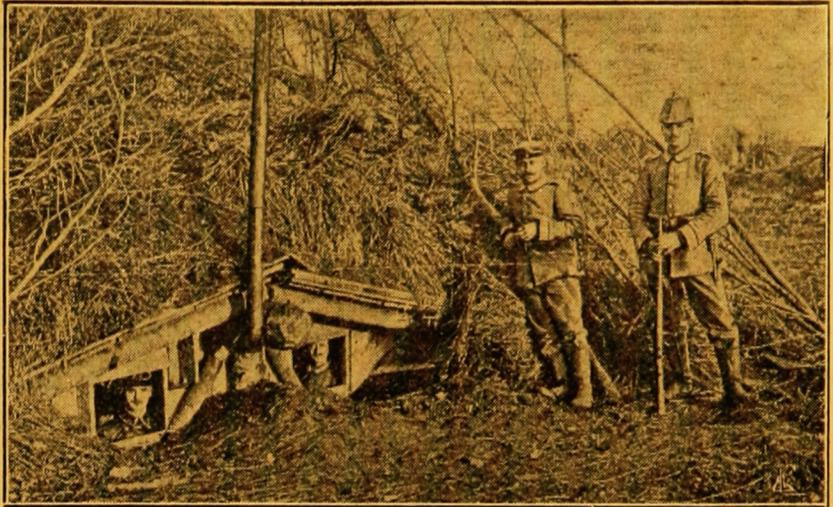


Conduzi-vos com a fortuna, como com os maus pagadores; ide recebendo por conta, o que ella vos quizer dar.

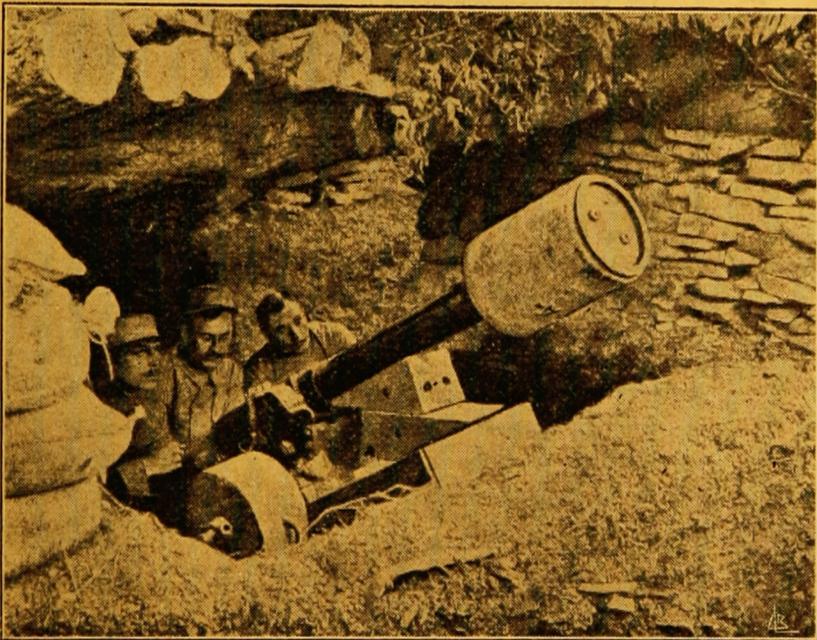
# A Guerra Europeia



No grande Quartel General Italiano.  
—Depois da visita ao general Joffre, o general Porro, com o coronel de Bragança partem para a linha de batalha



Abrigo de aviadores allemães com um posto de observação



Canhão de 58 de trincheira, aperfeiçoado

O canhão 58 de trincheira, aperfeiçoado, com o qual se pôde disparar com uma inclinação de 45 a 80 graus, e cujo modelo se pode apreciar na gravura d'esta pagina, possui uma plataforma, um freio e um aparelho de pontaria que permite um tiro mais preciso para lançar bombas com azas.

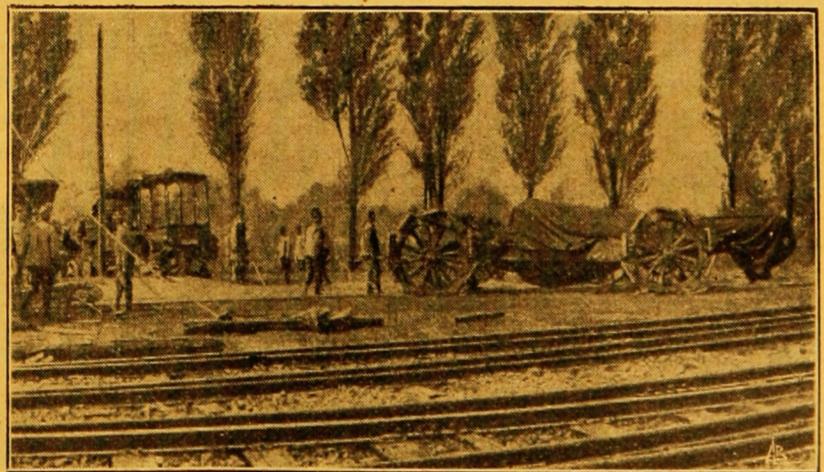
Em outros modelos foram suprimidas as rodas.

O cano e a coronha estão solidamente dispostos em uma plataforma com cadeia e contrapesos, convenientemente dispostos afim de diminuir o effeito do retrocesso.

Esse canhão pode lançar projecteis de 58 kilos; maiores de 78 kilos e grandes de 105 kilos.

---

Nas guerras de opiniões e nas guerras politicas, cada um, parecendo-lhe ver a virtude do seu lado e o crime no campo inimigo, reputa todos os meios legitimos para chegar aos seus fins, e infringe sem escrupulo todos os principios da justiça, e todas as regras da moral.



Transporte de um canhão de 305 na zona de guerra

Hymno das Filhas de Maria

SOLO

Como o nauta enxergando uma estrella  
Na procella a espreitar o escarcéo  
E temendo os baixios e escolhos,  
Com os olhos a busca no céo;

Por ti fômos, Mãe nossa attrahidas  
E reunidas te vimos saudar.  
Nossos canticos ouve piedosa,  
Amorosa nos volve um olhar.

CÔRO

Senhora, o mar da vida  
Penoso é de passar;  
Mas tu, estrella q'rida,  
Nos vens allumiar.

Tu és pharol superno,  
Tu guias o baixel,  
Desvia do atro averno  
O peccador rebel.

SOLO

Olvidar não podêmos o dia  
D'alegria p'ra nós sem equal,  
Em que á tua presença viemos  
E fizemos um voto formal.

Promettemos com fé, com ardor,  
Teu louvor proclamar sem temer,  
Tentaremos pôr diques á voz  
Que ante nós o teu nome offender.

CÔRO

Senhora o mar da vida etc.

NO

SOLO

E' medonha a feroz tempestade,  
Com bondade, hoje e sempre nos guia,  
Naufragamos se não nos acodes,  
Mas tu podes salvar-nos, Maria.

Sobre as vagas projecta essa luz  
Que seduz, que fascina e conforta;  
Tu precedes a anciada bonança.  
Da esperanza nos abres a porta.

CÔRO

Senhora, o mar da vida etc.

SOLO

Eia, irmãs, governemos a frota!  
A derrota sigamos contentes,  
Que uma estrella se vê sobre o mar  
A acordar nozsas forças dormentes!

Navegamos co'a nossa bandeira  
—Companheira enviada do Céo—  
Do furor de Satan a livremos,  
Se queremos transpôr o escarcéo.

CÔRO

Senhora, o mar da vida etc.

Houve outr'ora uma Virgem tão forte,  
Que da morte no abysmo escapou,  
Resoluta, affrontando o martyrio,  
E ao Emyreo gloriosa arribou.

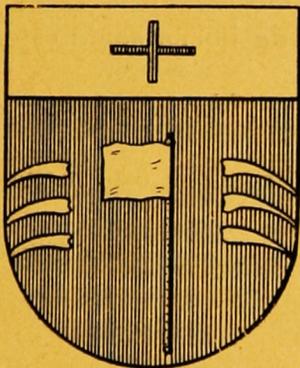
D'Ignez (1) pura a constancia imitemos,  
E teremos coragem na dôr;  
Pois quem lucha sem freguas no p'rigo  
Do inimigo será vencedor.

ELVIRA NEVES PEREIRA.

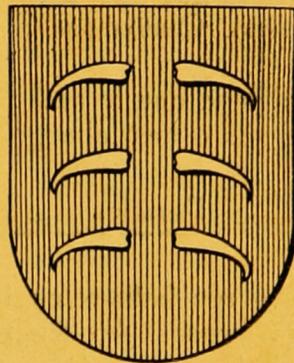
(1) Santa Ignez Virgem e Martyr, Padroeira das Filhas de Maria.

# ARMARIA PORTUGUEZA

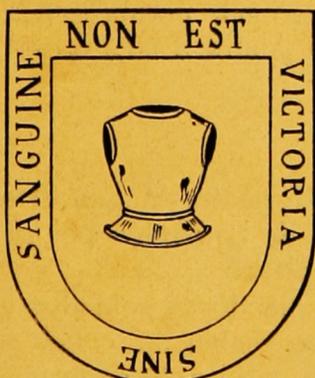
Armas de cada appellido que entram na composição dos braços das casas nobres de Portugal



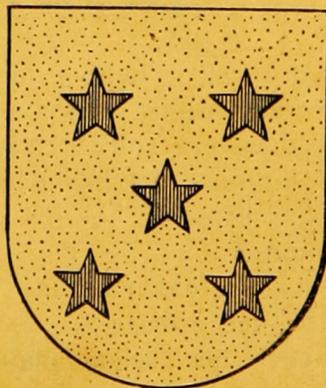
**Corte Real.**—Em vermelho uma bandeira de prata com aste d'ouro entre seis costas de prata e duas pallas, e um chefe de prata com uma cruz vermelha. Timbre: um braço armado com lança d'ouro e ferro da sua côr, e uma bandeira de prata com a cruz das armas.



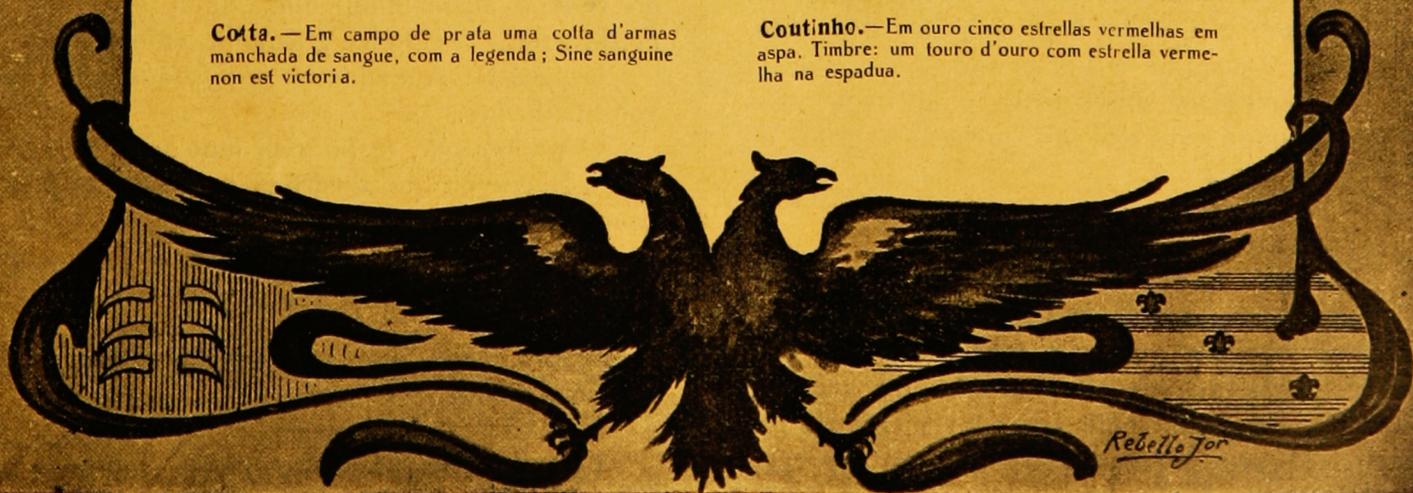
**Costa.**—Em campo vermelho seis costas de prata postas em tres faxas. Timbre: duas costas em aspa atadas por uma fita vermelha.



**Cota.**—Em campo de prata uma cotta d'armas manchada de sangue, com a legenda; Sine sanguine non est victoriã.



**Coutinho.**—Em ouro cinco estrellas vermelhas em aspa. Timbre: um touro d'ouro com estrella vermelha na espada.



# Anecdotas • historicas

## Ditos • e • pensamentos



**S**OUBE Murátes, imperador turco, que o famoso capitão Scanderbeck possuía um alfange que d'um só golpe cortava a cabeça d'um boi, e mandou-lho pedir com curiosidade de admira-lo e desejo de possuí-lo. Querendo o imperador experimentar o alfange formidável, achou que não cortava como lhe haviam affirmado. Queixou-se a Scanderbeck:

—Este não é o alfange que te pedi...

—Eu, senhor, dei-vos o meu alfange e não o meu braço.

### Alfange formidável

### Pericles e o eclipse

O illustre general grego batia-se em batalha naval com inimigos poderosos. Ao tempo succedeu um eclipse e o terror apoderou-se dos combatentes, mórmente do piloto da nau almirante. Pericles tirou a capa e pondo-a nos olhos do piloto, disse:

—Tens agouro d'isto? Pois não é outra cousa um eclipse.

### Argucia de Tallien

Apoz o 9 thermidor, isto é depois da morte de Robespierre, foram soltos muitos presos politicos. Porque se dizia que entre esses figuravam centos de aristocratas, a Convenção decretou a impressão das listas de libertos e das pessoas que os abonaram.

Tallien combateu o decreto, mas foi vencido. Então, subiu á tribuna e disse:

—Visto decretardes que sejam impressas as listas dos cidadãos postos em liberdade, decretae tambem que se imprimam as dos cidadãos que causaram a sua prisão.

A assembleia achou justo e aprovou, mas apenas tomou esta decisão ouviram-se gritos de todos os lados:

—Mas isto é a guerra civil!

Tallien voltou á tribuna:

—Sim, é a guerra civil. Penso como vós.

Os vossos dois decretos collocaram frente a frente homens que não mais se perdoarão. Quiz, propondo-vos a aprovação do segundo decreto, fazer-vos sentir o inconveniente do primeiro. Agora proponho-vos que os reproveis ambos.

E os decretos foram revogados.

### Anda Luzia

O conde-duque de Olivares carregou de tributos tão pezados os povos da Andaluzia, que deu causa a que n'uma parede pintassem uma negra com uns peitos mui grandes e com estas palavras:

*Anda Luzia*

E da bocca sahia este queixume:

*Não posso com estes peitos*

E seguia-se este incitamento:

*Pois levanta-te*

### Por fallar verdade

Por morte de D. Pedro de Noronha vagou a mordomia-mór, e pedindo-a varios fidalgos deu-a D. João II a D. João de Menezes que a não pretendia. E estranhando-o alguns descontentes, o rei explicou:

—Dei o officio de mordomo-mór ao conde de Tarouca porque sempre me falla verdade, ainda contra o meu gosto.

### Fiel ao juramento

Alexandre Magno determinara arrazar a cidade de Lampsaco por se declarar do partido dos persas.

Quando os soldados iam dar começo á derrocada, sahio da cidade o philosopho Anaximeno, mestre de rhetorica de Alexandre, e este ao vê-lo e suspeitando que, vinha rogar-lhe o perdão para a cidade, gritou-lhe enfurecido:

—Juro-te, Anaximeno, não conceder o que vens pedir-me.

O philosopho respondeu mui depressa:

—Deço-vos que destruas a cidade de Lampsaco.

Cahiu o rei em si e cumpriu o juramento.

\*\*\*

Das cousas que nos agradam facilmente nos lembramos.—*Cicero*.

Grande contentamento causa lagrimas.—*Quintiliano*.